

# O CONHECIMENTO ASTRONÔMICO E O MUNDO MÁGICO-RELIGIOSO DO HOMEM PRÉ-HISTÓRICO BRASILEIRO

---

MARIA DA CONCEIÇÃO DE MORAES COUTINHO BELTRÃO

---

*Resumo – A partir de pinturas rupestres da Chapada Diamantina, a autora procura evidenciar o nível de conhecimento astronômico do homem pré-histórico brasileiro, que estaria ligado a seu mundo mágico-religioso. Procurando identificar a autoria das pinturas, a autora utiliza narrativas míticas de grupos indígenas atuais, possivelmente vinculadas a conjuntos pictóricos deixados pelo homem pré-histórico em canyons, grutas e abrigos existentes na Região Arqueológica de Central, Bahia.*

*Abstract – The author examines rock paintings in the Chapada Diamantina for evidence of the level of astronomical knowledge of prehistoric man in Brazil, apparently linked to his magical and religious beliefs. In the endeavour to identify the authorship of paintings, the author uses the mythological narratives of present-day indigenous groups, which may possibly be linked to sets of paintings left by prehistoric man in canyons, caves and rock shelters in the Archaeological Region of Central, Bahia, Brazil.*

## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar, a partir das pinturas rupestres da Chapada Diamantina, os conhecimentos astronômicos e o mundo mágico-religioso-cosmológico do homem pré-histórico brasileiro.

As pinturas mais antigas estão representadas nos *canyons* de quartzito da chamada Região Arqueológica de Central – nome do Município onde surgiram os primeiros e importantes achados.

Na época das chuvas os *canyons* se transformam em verdadeiros rios, não permitindo a fixação de sedimentos e, portanto, de carvões que poderiam ser datados pelo método absoluto do  $C^{14}$ . Consequentemente, as representações pictóricas mais antigas vêm sendo datadas entre 18-22 mil e 30 mil anos ou mais com a utilização de um conjunto de métodos relativos (técnica empregada nas pinturas, dados climáticos, representações de animais extintos há milhares de anos, correlação com pinturas de outras partes do Brasil e do mundo, etc.).

As pinturas mais recentes, existentes em grutas calcárias, corresponderiam a datas até agora obtidas pelo método do  $C^{14}$  entre  $1.524 \pm 60$  AP (antes do presente) e no mínimo  $7.740 \pm 150$  AP. Já com a correção de 20% para mais, proposta por Isaac Asimov, para datações obtidas a partir de carvões vegetais.

Há ainda, outras pinturas cujas idades se situariam em uma faixa cronológica média, isto é, entre 8 e 18 mil anos. Este parece ser o caso da Toca da Lagoa da Velha onde indicadores relativos apontam para uma idade situada entre 8 e 10 mil anos atrás.

O responsável por essas representações pictóricas foi o *Homo sapiens sapiens*, isto é, da mesma

espécie e sub-espécie dos homens que hoje habitam o planeta. Contudo, a presença humana na Região de Central é muito mais antiga: está registrada na Toca da Esperança (Município de Central) há, no *mínimo*, 300 mil anos (datação obtida pelo método do urânio-tório). A Toca da Esperança é hoje o mais antigo sítio arqueológico das três Américas e, pela sua antiguidade e pelas características dos materiais arqueológicos aí encontrados, abre a possibilidade do *Homo erectus* (um homem fóssil) ter habitado o Brasil e, portanto, o “Novo Mundo” (Beltrão, 1991; Beltrão et al., 1987; Lumley et al., 1988).

Há ainda outro aspecto revolucionário nas descobertas realizadas na Bahia: a antiguidade e a complexidade do conhecimento astronômico do homem pré-histórico brasileiro. Esse conhecimento está intimamente relacionado ao mundo mágico-religioso-cosmológico de grupos humanos que, há mais de trinta mil anos, habitaram extensa faixa territorial do Brasil.

Aquelas descobertas inserem-se em um panorama mundial de mudanças rápidas nos estudos da pré-história.

## **2 O CONHECIMENTO ASTRONÔMICO**

### **2.1 Características**

A tradição astronômica representada pictoricamente em *canyons*, grutas e abrigos da Região Arqueológica de Central caracteriza-se pela existência de figuras geométricas com motivação astronômica, uso de alucinógenos, superposição intencional de figuras, relação céu e terra, etc. Encontram-se freqüentemente associados às representações “astronômicas”, animais, homens, antropomorfos, setas, mãos, símbolos e signos, etc.

Essas pinturas foram realizadas por grupos lingüísticos que povoaram a Chapada Diamantina anteriormente à consolidação da ocupação pelos Tupi-Guarani, há pelo menos 1.500 anos, de grandes porções do território brasileiro, inclusive a Chapada Diamantina.

### **2.2 Interpretação das pinturas astronômicas**

#### **2.2.1 Níveis de complexidade do conhecimento astronômico**

Desde 1990 (Beltrão, 1990a), reconhecíamos na pré-história brasileira três níveis de complexidade do conhecimento astronômico:

- a) Representação pura e simples dos astros observados;
- b) Representação de fenômenos astronômicos (trajetórias, conjunções, etc.);
- c) Representação de fenômenos complexos como o do solstício, sistemas de contagem baseados em fases da lua, símbolos aparentemente tirados do céu, calendários, divisão do dia em 24 horas, etc.

Em 1990 classificávamos arbitrariamente as representações em fenômenos cíclicos e fenômenos incomuns. Fenômenos incomuns seriam aqueles que, embora cíclicos, não poderiam ser relacionados pelo homem pré-histórico com as estações do ano nem com qualquer outra unidade de tempo (Beltrão, 1990b).

#### **2.2.2 Fenômenos astronômicos**

##### *2.2.2.1 Fenômenos incomuns*

##### **Cometas**

Já no início de nossa pesquisa em Central, identificávamos uma série de cometas. A representação mais espetacular é a de um cometa encontrado na Toca do Cosmos, Município de Xique-Xique. Parece ser o mais longo cometa já representado pelo homem pré-histórico. Seu comprimento

aproximado é de 1,63m. Tem a cauda encurvada típica de cauda de poeira que caracteriza os cometas jovens. Está associado a três representações de estrelas.

### **Eclipses**

Como os cometas, os eclipses não poderiam ser relacionados às estações ou à qualquer outra unidade de tempo. A representação dos eclipses poderia estar vinculada a rituais mágicos. Há vários grupos indígenas brasileiros que relacionam os eclipses com temores e acontecimentos funestos. Os Sherente (Grupo Jê), por exemplo, têm em sua memória tribal, bem marcada, a existência de uma noite longa em que tudo ficou escuro e gelado por um longo período. Para os Sherente, quando há um eclipse há o temor de que seja a repetição dessa longa noite. Segundo os Sherente, ela ocorreu em tempos muito antigos, quando os homens tiveram de comer cascas e folhas de árvores e ficaram expostos aos ataques mortais de toda espécie de criaturas, até mesmo de mosquitos e de grilos. Muitos dos Sherente preferiram morrer do que terminar seus dias lutando contra esses monstros.

Como se vê, para certas populações há uma ligação do eclipse com uma reação de medo. Ainda hoje há entre os Sherente e os Krahó (Grupo Jê) a crença de que o sol poderá ser consumido eternamente por uma força qualquer. Tudo isto foi registrado por Lévy Strauss (1964). Pessoalmente, acreditamos que a noite longa poderia estar ligada a um fenômeno natural, como o impacto causado por uma queda de meteorito, liberando uma nuvem de poeira.

Em certos sítios da Região Arqueológica de Central observamos o que parece ser uma tentativa de medir a duração do eclipse através de uma espécie de “marcador de tempo”, constituído por duas linhas paralelas ligadas por uma sucessão de traços. O mesmo ocorre em pinturas rupestres em Malawi, na África, pinturas estas sendo executadas pelos Bosquímanos. A explicação mais provável que temos para este mesmo tipo de representação em duas áreas tão distintas e geograficamente tão longínquas é que, sendo uma representação simples, não é de surpreender que dois grupos diferentes tivessem chegado ao mesmo resultado sem que tenha ocorrido difusão.

### **Conjunções de astros**

Outro fenômeno incomum, embora cíclico, seria uma possível conjunção de Vênus com a Lua Nova (Toca do Chico Eduardo). Esse evento não pode ser relacionado com as estações porque a conjunção ocorre a cada 584 dias. Na Toca da Lua, igualmente, está registrada uma possível conjunção da Lua com Júpiter. Poderia então haver uma relação entre essas conjunções e mitos e ritos de grupos que, no passado, habitavam a região. A conjunção Vênus e Lua Crescente poderia estar ligada, por exemplo, a ritos de passagem ou de iniciação.

#### *2.2.2.2 Fenômenos Cíclicos*

Fenômenos cíclicos são aqueles pelos quais o homem pré-histórico se guiava não só para garantir alimento através da caça, da pesca, da coleta de frutos e sementes selvagens como para a prática da horticultura. Esses eventos cíclicos tinham ainda outra finalidade – a de marcar e ordenar a passagem do tempo, que parece ser um desejo inato ao homem: a necessidade de ordenar, de orientar a vida, de delimitar o tempo. Isto parece estar claramente demonstrado através dos mitos de alguns grupos tribais brasileiros que falam de uma espécie de caos que predominava na origem das coisas.

### **As estações do ano**

O homem pré-histórico tinha também, ao que tudo indica, uma maneira segura de marcar as estações utilizando a Via Láctea. Na Toca dos Búzios temos, pelo menos, três representações da Via Láctea. Uma delas representando-a da maneira como ela aparece no céu, em forma de arco, indo de horizonte a horizonte. Outra, a da Via Láctea mostrada ao amanhecer, quando só parte dela é visível. No terceiro caso ela está representada quase que verticalmente ao lado da lua nova. Assim, o homem pré-histórico conhecia perfeitamente toda a trajetória da Via Láctea no céu.

Realmente a Via Láctea é muito indicada para marcar as estações do ano não só porque muda de posição como porque diversos astros passam por ela no decorrer do ano. Lévy Strauss (1964), a

propósito, já tinha observado que muitos grupos tribais observavam as constelações durante o período do amanhecer utilizando esse conhecimento para marcar estações.

#### **O ano solar**

Acreditamos haver comprovado o conhecimento do ano solar pelo homem pré-histórico, porque conseguimos, por sugestão de Márcio Campos (1985), da Unicamp, registrar o solstício de inverno na Toca do Cosmos. Através de uma fenda colocada no exterior da gruta, comprovou-se, em 22 de junho de 1985, que o sol, no dia do solstício do inverno começa a penetrar por essa fenda depois do meio dia e às 15:47 hs recobre completamente o sol pintado na boca da gruta. Isso demonstra que o homem pré-histórico não só teria conhecimento do fenômeno do solstício, que ocorre duas vezes ao ano, como era capaz de prevê-lo e registrá-lo, o que significaria a posse de um conhecimento de considerável complexidade. Grupos indígenas brasileiros do período histórico dividem o ano em duas estações e alguns deles tem conhecimento do solstício, sem entretanto atingirem o grau de conhecimento e previsibilidade que teria demonstrado o homem pré-histórico, segundo a pesquisa realizada.

#### **O ano lunar**

O homem pré-histórico que habitava a Região de Central parecia conhecer perfeitamente o ano lunar. Isto porque na Toca dos Búzios há a representação da lua nova ladeada por um conjunto de traços verticais em número de oito, ligados por um traço horizontal que se repete sob a representação da lua. Aparentemente, as constelações de Gêmeos, Plêiades, Sírius e Orion estão representados, assim como a Via Láctea, colocada verticalmente ao lado da lua. Todo esse conjunto foi reconhecido por Rogério Mourão, do Museu de Astronomia, como a representação que para o homem moderno é o mês de fevereiro às 20 horas. Há no painel, do lado esquerdo, ao alto, trinta pequenos retângulos variando muito pouco em tamanho, dispostos em cinco filas com seis retângulos cada, cercados por um retângulo maior, possivelmente representando trinta dias. Isso nos faz pensar que o homem pré-histórico conhecia perfeitamente o ano lunar pois para o homem moderno a luação é o período compreendido entre duas luas novas consecutivas cuja duração média é de 29 dias, 12 horas e 44 minutos.

#### **Sistema de contagem**

Outro arranjo geométrico, regular, situado próximo a este painel lunar, parece sugerir a existência de um calendário, de um sistema de contagem relacionado a marcas de luação (Dória e Beltrão, 1988) ou de cálculos que objetivassem corrigir a diferença entre o ano solar e o ano lunar.

#### **Calendários**

O conhecimento da trajetória aparente da lua nas quatro estações expresso pelo homem pré-histórico em Central deve ser considerado o elemento mais antigo e fundamental para o aparecimento de calendários. Com efeito, a observação da periodicidade das fases da lua conduziu o homem pré-histórico a idéia do mês lunar com divisões em “semanas” que corresponderiam, grosseiramente, às fases da lua.

A lua teve, sem dúvida, em todo o mundo, uma grande importância para os caçadores pré-históricos. Até mesmo hoje, os modernos caçadores de Central – que utilizam técnicas de caça muito rudimentares – classificam as presas em animais de lua clara (caititu) e de lua escura (tatu-galinha) e observam que os porcos do mato (caititu) andam em direção à lua o que lhes facilita o ato de caçar.

Há na Toca do Cosmos um conjunto que parece comprovar a existência de calendários.

Ao lado da lua cheia há um Y (Constelação de Câncer) e depois dois círculos raiados, um com 27 e outro com 28 traços no interior. Foi Rogério Mourão o primeiro astrônomo a estabelecer a ligação entre esses círculos raiados e os calendários, embora Márcio Campos (1985) já houvesse previsto a existência de calendários a partir das representações das trajetórias solares.

Em Cosmos, parece-nos que estamos diante de um calendário lunissolar porque existe a representação de outro círculo concêntrico, igualmente raiado com 31 traços, ligado por uma reta ao sol poente. Como se sabe, nos calendários lunissolares o dia começa ao anoitecer. Além disso, há na

gruta, entre os calendários lunares representados (com 27 e 28 dias) e o calendário solar de 31 dias, um enorme círculo tendo ao centro nove outros de onde partem 108 traços de duas cores alternadas: vermelho (sol) e bege rosado (lua), sugerindo a intercalação periódica de um mês solar. (É curioso observar que 9 anos de 12 meses é igual a 108. A correção seria feita a cada 9 anos?).

Há também em Cosmos uma estrela colocada entre o que parece ser um calendário lunar e um solar que poderia representar o nascer helíaco, isto é, a primeira aparição anual de uma estrela no horizonte quando surgem os primeiros raios de sol. A aparição anual da estrela no horizonte oriental se dá pouco antes do amanhecer, isto é, fim da noite, começo do dia. Isto explicaria a presença dos dois calendários – um solar outro lunar – tendo a estrela no meio. Se a estrela realmente representar o nascer helíaco, teríamos que admitir a existência do Calendário Sideral que justamente se baseia no retorno periódico de uma estrela ou de uma constelação a uma determinada posição.

No Brasil algumas tribos serviam-se do nascer helíaco (Plêiades) para marcar o início do ano.

Em Central, as quatro estações do ano eram representadas por figuras semelhantes a quatro Vs invertidos, inseridos um dentro do outro, de bases arredondadas e pontas igualmente arredondadas.

Na ponta curva à esquerda dos Vs era colocado o sol nascente em círculos concêntricos, no alto (base invertida do V) o sol do meio-dia e na parte curva do V à direita o meio-sol poente.

Na Toca do Cosmos as bases dos Vs – colocadas de cabeça para baixo – não são arredondadas, mas angulares.

O início do ângulo à esquerda marcaria o meio-dia o fim do ângulo à direita 15h47, momento em que o sol real recobre, na gruta, o sol pintado durante o solstício de inverno. Aliás as bases dos Vs invertidos são, em Cosmos, além de angulares, em número de duas, correspondendo exatamente aos dois meses do solstício. O fenômeno do solstício pode ser registrado anualmente em Cosmos em Junho entre os dias 22 e 26 (Beltrão, 1994).

#### **“Horas”**

O conhecimento da divisão do dia em “horas” é mostrado pela colocação de pequenos quadrados (“horas”) que seguem parcialmente um V invertido o que corresponde à trajetória diária e aparente do sol. Deste modo, quadrados pequenos são colocados à esquerda, direita ou sob um sol, pintado em preto. Por exemplo, se os quadrados, um número de 4, estão à direita do sol, isto significa que o fenômeno do eclipse se deu quatro horas após o nascer do sol. Se, ao contrário, estão à esquerda do sol, o fenômeno ocorreu 4 horas antes do pôr do sol. Finalmente, se os quadrados estão sob o sol, na parte correspondente à base do V colocado de cabeça para baixo, o fenômeno ocorreu por volta do meio-dia. A base do V torna-se angular para explicar por exemplo, a duração de um eclipse ou do solstício que começou por volta do meio-dia e durou duas horas ou mais.

Além da figura que corresponde a um V e que representa a trajetória do sol em aproximadamente 12 horas, o homem pré-histórico aparentemente conheceu outra maneira de representar as “horas”, bem próxima à idéia do relógio solar. Trata-se de um conjunto pintado em vermelho que tem no meio um longo traço vertical de onde partem, para cada lado, traços menores formando 12 espaços de cada lado (maiores no alto) que corresponderiam às 12 “horas” do dia e às 12 “horas” da noite (horas com duração diferente?). No alto, em um dos lados do conjunto há um sol e do outro lado três estrelas, além de outras figuras. Há, na base, 12 retângulos, sendo 6 de cada lado. O conjunto poderia ainda ser interpretado como um calendário? Os doze retângulos da base representariam 12 meses? (Beltrão, 1994).

#### **Números**

Em trabalho intitulado “Eventos, Signos e Símbolos na pré-história Brasileira” (Beltrão e Luce, 1994) apresentamos várias seqüências de símbolos que foram classificadas em simples, complexas e mistas. Algumas delas estão sendo agora interpretadas como seqüências de números. Em verdade, tempo tem relação com movimento, mudança, medida e portanto número. Grupos pré-históricos com conhecimentos complexos como os que aqui apresentamos poderiam perfeitamente representar o

tempo numericamente (Beltrão, 1994).

#### *2.2.2.3 Outros fenômenos*

Além das imagens mais concretas como sóis e luas existem certas imagens esquemáticas que parecem representar uma tentativa de descrever um evento ocorrido em certo ponto, num determinado período de tempo, tal como um equinócio ou solstício. Algumas dessas imagens ordenadas e alongadas podem marcar um evento anual. Na Região Arqueológica de Central há vários sítios que parecem ter sido claramente usados como observatórios astronômicos pré-históricos ou antes como locais de observação astronômica. É comum a representação do que poderia ser uma trajetória astronômica além da representação freqüente da trajetória diurna do sol. A imagem da trajetória astronômica tem várias partes: cabeça, meio e cauda unidas por linhas mais ou menos retas ou ligeiramente curvas. A forma da cabeça, meio e cauda pode variar, bem como o comprimento da linha, mas a estrutura básica é a mesma (Beltrão & Luce, 1994). Um estudo mais detalhado da possível implicação da orientação dessas trajetórias, tanto o solar como as outras, ainda está por ser feito.

### **3 SIGNOS, SINAIS, SÍMBOLOS OU IDEOGRAMAS**

Em muitos casos as representações de fenômenos astronômicos podem estar associadas a signos. Estes signos, aparentemente, tiveram sua origem em imagens tiradas do céu. Os signos podem ser simples ou complexos. Os signos complexos, que incluem os símbolos são aqueles mais elaborados e mais incomuns em sua estrutura e utilização.

Em sítios levantados em duas regiões diferentes, uma a já mencionada Região Central da Bahia e outra a que chamamos de região arqueológica do Rio Doce em Minas, há signos que parecem ser símbolos (Beltrão & Luce, 1994). Estas imagens se destacam, uma vez que usualmente são relativamente grandes e solitárias e revelam um evidente cuidado em sua execução e colocação. A intenção seria talvez a de comunicar uma idéia completa como se fosse a designação de um território, lugar, pessoa, animal ou aspectos da vida social. Já que outros sítios parecem ter estreita vinculação a assuntos astronômicos, é concebível que tivessem um símbolo proeminente indicando a função principal do sítio, isto é, representação do solstício de inverno ou do verão, no equinócio, do levantar ou do por do sol.

Os signos simples e complexos podem aparecer em seqüências simples e complexas. Os signos simples talvez estejam relacionados com coisas mais concretas, como o ato de contar, ou com certas condições conhecidas como a chuva, o sol, o final, o começo. Os signos mais complexos ou símbolos comunicam idéias bastante específicas como um evento de natureza incomum, mas bem conhecida.

Há signos associados a eventos astronômicos e há signos associados a animais. Um animal como o lagarto poderia ser um signo solar e há signos representando possivelmente as constelações, associados a animais, inclusive animais pleistocênicos.

Acreditamos que o homem pré-histórico brasileiro tenha alcançado um nível próximo ao da escrita. Isto porque o uso de signos-símbolos, especialmente a incorporação dos símbolos em seqüências poderia ser descrito como uma pré-condição ao pleno sistema de escrita, isto é, uma etapa na evolução em direção a um sistema ordenado de comunicação escrita. É o que veremos mais adiante, quando falarmos de arabescos em falas rituais dos índios Desana, Grupos Tukano (Beltrão, 1994).

### **4 USO DE ALUCINÓGENOS**

Desde 1985 (Beltrão, Dória & Dória), havíamos aventado a hipótese de que algumas das representações pictóricas da Região Arqueológica de Central corresponderiam a visões alucinatórias.

Pouco depois, uma das pinturas da Toca dos Búzios – que corresponde à mão esquerda pintada da qual saem ziguezagues – foi reconhecida por um dos moradores locais como sendo “mão de fogo do Pajé”. O velho Tebas (que passou as informações a uma de suas descendentes), assistiu, quando muito jovem, a uma cerimônia de iniciação. O Pajé, fazendo uso de alucinógenos, só deu início à cerimônia após ver sair fogo das mãos. Assim, poderíamos admitir que remanescentes de índios que ocuparam a região faziam, ainda em tempos recentes, uso de alucinógenos.

No entanto, a mão esquerda representada em Búzios foi pintada provavelmente há milhares de anos, pois embora o conjunto de Búzios e Esperança tenha sido datado em sua ocupação mais recente entre 1524 e 7740 anos atrás, não é de todo impossível que parte das pinturas representadas sejam pouco mais antigas.

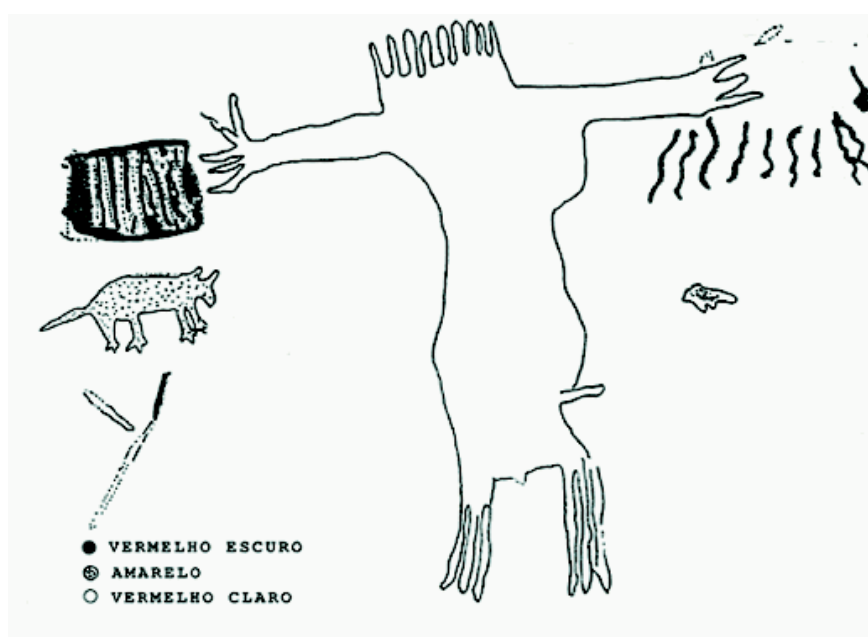


Fig. 01 – Canyon do Caldeirão. Figura masculina com sexo representado. O “fogo” parece sair da cabeça e do braço da representação. Há um elemento em forma de “Y” à esquerda.

Há uma outra estranha representação (fig. 1) no *canyon* do Caldeirão em que o “fogo” parece sair da cabeça e de um dos braços de uma figura masculina (sexo representado). Em geral as representações dos *canyons* não só são mais antigas que as das tocas (nome local dado às grutas), como a maioria delas teria mais de 22 mil anos.

Representações pictóricas de animais podem representar visões alucinatórias. Entre elas destacamos a pintura geometrizada que parece representar um urso no grande painel da Fonte Grande II. Trata-se de uma representação obtida com o auxílio de vários círculos concêntricos.

## 5 AUTORIA DAS PINTURAS RUPESTRES DA REGIÃO DE CENTRAL

Há vários anos levantamos a hipótese de que um dos grupos responsáveis pelas representações

astronômicas em que predominam geométricos seria ancestral do Grupo Jê. A representação do plano de uma aldeia Jê, com superposição intencional de vários eventos astronômicos, na Toca do Pintado, Morro do Chapéu, veio confirmar nossa hipótese.

Hoje sabemos, através do reconhecimento de narrações míticas, que essas representações podem estar vinculadas a outros grupos lingüísticos que viveram na Região Arqueológica de Central em uma mesma faixa cronológica ou em faixas cronológicas diferentes. Um desses grupos parece ser o Tukano, que hoje habita o Uaupés, na Amazônia, na região entre o Brasil e a Colômbia.

Há nas representações pictóricas da Chapada Diamantina vários elementos Tukano citados por Reichel-Dolmatoff, em 1978, no livro *Beyond the Milky Way*. Elementos em forma de Y, para os Tukano, representam “piteiras rituais de madeira esculpida que demonstram a afirmação de alianças entre grupos exogâmicos complementares”. Esse pode ser o sentido do Y encontrado no *canyon* do Caldeirão, junto à uma representação masculina, sexo representado (fig. 1). Já na Toca do Cosmos o Y que aparece junto à lua e ao calendário lunar pode representar a constelação de Câncer ou Cruzeiro do Sul de madrugada, sem que isto retire da representação o sentido cultural.

Figuras de veado e peixe, além de geométricos, são estampadas pelos Tukano em tubos usados em rituais. Essa associação do veado com o peixe é muito difundida em vastas áreas do território brasileiro, inclusive na Chapada Diamantina.

Linhas paralelas onduladas, dispostas horizontalmente, que representam, segundo o autor citado, “o pensamento do PAI-SOL”, existem ao lado de um felídeo pintado no Riacho Largo. Entre os Desana do Grupo Tukano o jaguar é o principal representante do SOL na terra;

Figuras humanas com três dedos são comuns entre os Tukano e em representações pictóricas espalhadas, não só pela Chapada Diamantina mas, em extensas áreas da América do Sul. Entre os Tukano aparecem na representação de pajés, de “spirit helpers”, no primeiro casal e em um conjunto de pessoas que “podem alcançar as dimensões mais altas da Via Láctea”;

Desenhos realizados por um índio Tukano, após a ingestão de alucinógenos, que representam símbolos femininos, assemelham-se à visão alucinatória do urso pintado na Fonte Grande II, na Região de Central;

Há alguma semelhança entre o que havíamos denominado de seqüências e os arabescos usados nas “comunicações orais: discursos ou falas rituais” dos Tukano;

O “Personagem-Trovão” dos Tukano, que aparece em visões alucinatórias, pode corresponder à representação masculina do *canyon* do Caldeirão em que o fogo parece sair dos braços e cabeça da figura. (fig. 1)

Embora as tocas existentes na Planície Calcária – entre elas as Toca dos Búzios e da Esperança datadas entre 1.524 e 7.740 A.P. – contenham pinturas semelhantes a nuvens rolantes, “notas musicais” e outras que parecem indicar o uso de alucinógenos, desvinculamos essas figurações do Grupo Tukano, atribuindo-as, nessa primeira abordagem, ao grupo lingüístico Jê.

Isto porque, nas visões alucinatórias dos Tukano, “além da Via Láctea” (Reichel-Dolmatoff, 1978) aparecem o Jaguar, o Dono (Senhor) dos Animais, o Personagem-Trovão, seres sobrenaturais, etc., ausentes nessas tocas.

A visão alucinatória dos Tukano é, segundo o mesmo autor, coroada por uma cena de caça de cunho mítico: os animais falam uma linguagem entendida pelo índio, clamam por justiça e acusam os caçadores de matá-los em demasia.

Assim, na Planície Calcária, seriam de autoria dos antigos Tukano os conjuntos mitológicos com as características acima descritas.

Quanto aos conjuntos, em que predominam geométricos, estamos atribuindo a autoria a outros grupos, inclusive o Jê.



## 6 O MUNDO MÁGICO-RELIGIOSO DO HOMEM PRÉ-HISTÓRICO EXPRESSO NAS PINTURAS RUPESTRES

### 6.1 Ritos e mitos

Os conjuntos pictóricos da Região Arqueológica de Central, dominados pela presença de animais, não representam apenas, em nosso entender, a satisfação das necessidades do homem expressas no ato de caçar.

No grande painel dos ursos no *canyon* da Fonte Grande II há a figura central de um *Arctodus* (urso-de-face-curta) sobre o qual foi representada, intencionalmente, a trajetória aparente da lua nas quatro estações.

Gaignebet (citado por Jacques Barrau, 1989) em um ensaio sobre “Le Carnaval” diz que o Urso “como fazedor de Primavera” é “mediador privilegiado entre dois mundos”.

No interior da Toca da Lagoa da velha há, além de um sol nascente pintado, a trajetória aparente do sol representada nas quatro estações e um sol resplandecente de 1 m de diâmetro. No exterior da Toca, há diversas representações do galheiro do pantanal. Ora, o galheiro do pantanal, embora de hábitos noturnos, pode, às vezes, ser visto quando aparecem os primeiros raios de sol (Beltrão e Locks, 1993). Seria o galheiro do pantanal um representante do SOL? Um mediador entre a noite e o dia? Se assim for, este cervídeo, embora representado em rituais ligados à caça, não seria – no caso específico aqui enfocado – provavelmente caçado. Sabemos que há tribos indígenas que, além de aproveitar o bezoar (conceições estomacais que o cervídeo vomita quando corre), usam a galhada (que ele perde anualmente) como afrodisíaco e como sedativo durante o parto das mulheres (Beltrão e Locks, 1993). Mas, para tanto, o animal não precisaria ser caçado. Sabemos ainda que o acasalamento dos cervídeos ocorre na primavera. Portanto:

Cervídeo = afrodisíaco, parto = sexo = primavera.

Como no caso de ursos, os ritos ligados à caça realizados por esse grupo pré-histórico ocorreriam durante a primavera?

Quanto ao outro animal representado na Toca da Lagoa da Velha – a ema – há um outro grupo indígena (jê) que relaciona este animal à Via Láctea. Os cronistas do período colonial registraram indígenas que usavam a plumagem da ema na ornamentação de saiotos (araçoias) e que “imitavam a fúria da ave perseguida que arremessava areia e pedras sobre seus inimigos” (*Grande Dicionário, Delta Larousse*, 1972, vol. 5, p. 2383).

Há ainda na parte externa, à esquerda da entrada da Toca da Lagoa da Velha, figuras de animais associados a figuras masculinas e a figuras fantásticas.

Na relação dos animais representados – galheiro do pantanal e a ema – identificamos casos de transposição das características de uma animal para outro além de incorporação e transposição.

Associados aos animais há figuras masculinas e outras relacionadas, talvez a rituais ligados à caça:

Homens pintados de amarelo que compõem o grande painel da Lagoa da Velha estão aparentemente dançado. Entre eles há um pintado de vermelho (entidade?).

Homens de cabeça baixa e os braços levantados ( para o céu?) reverenciando?

Homens (entidades?) como enfeites na cabeça, provavelmente de penas de ema.

Homens (entidades?) com enfeites na mão. Galhada de cervídeo?

Entidades (antropomorfizado) com um chicote na mão conduzindo um bando de emas.

Homens transmutados em ema.

Figura masculina superposta a um cervídeo que parece representar um caçador segurando uma lança de madeira do tipo serrilhado. Esse tipo de lança, segundo Métraux (1986) era usado para caçar

animais de grande porte.

Vejamos agora se alguns desses conjuntos podem ser submetidos às narrativas míticas dos Tukano.

Segundo Isidoro Alves (1977), citando Reichel-Dolmatoff (1971), o mundo cosmológico Desana, do grupo Tukano, expresso em narrativas míticas, é marcado por oposições que devem ser mediadas por intermediários divinos. Esses intermediários podem passar de um plano do cosmos a outro (servindo de canais de comunicação)

No Mito da Criação aparecer o PAI-SOL. Um felídeo (o jaguar) é seu representante principal porque conecta o alto e o baixo: nada nas águas, anda de dia e de noite. É um mediador e participa dos vários planos em que está dividido o cosmos.

No Mito acima referido o primeiro Desana coabitou com a truta. Há no mundo cosmológico Desana uma preocupação com o controle da fertilidade tanto humana quanto animal.

Entre as *Entidades Sobrenaturais*, são citadas por aqueles autores os *Intermediários Divinos*, criados pelo PAI-SOL, que procuram a fertilidade da vida.

São intermediários divinos:

EMEKORI – MAXSÉ – (representa o bem ) personagem do dia, das normas, regras, tradições (está presente nas celebrações, rituais e festas ). Embora invisível é presença sentida.

DIROÁ – MAXSÉ – (representa o bem) personagem do sangue, vida sã, parto das mulheres.

VIXÓ – MAXSÉ – personagem do pó alucinatório, representa tanto o bem quanto o mal. Mora na Via Láctea. É o intermediário principal entre o Pajé e as outras entidades. O Pajé ingere o VIXÓ (pó alucinatório) e se transporta para a Via Láctea (intermediária entre o alto (sol) e o baixo (terra)). Tanto o Vixó-Maxsé como o Pajé tem o poder de transmutação.

PAJÉ – reúne tanto os dons do bem quanto do mal. Necessita do Vixó-Maxsé para invocar entidades como o EMĒKORI-MAXSÉ e o DIORÁ-MAXSÉ, enquanto os homens só entram em contato com as entidades através do Pajé.

Uma das principais funções do Pajé é entrar em contato como o dono dos animais – o WAI-MAXSÉ – para contratar a caça a ser feita, trocando determinados números de animais pelo equivalente em pessoas cujas almas não irão para o paraíso (fundo do rio = Axpikon Diá).

*O Dono (Senhor) dos Animais* (WAI – MAXSÉ) é a personificação da vida sexual dos animais.

*Os Personagens da Noite* são os NYAMIKERI – MAXSÁ. Agem como intermediários dos malefícios e bruxarias.

*Os Espíritos da Selva*

São os BORARO ou Kurupira e os UÁXTI. Os Boraro são entidades intermediárias na relação sociedade / natureza. Apresentam-se sob a forma antropomorfizada, mas podem se transformar em cervo selvagem ou o veado e, ainda em outros animais, o que faz com que o caçador não os cace.

UÁXTI – tem a forma antropomorfizada. Os espíritos das selvas tem pênis grande, o que significa a não observância das normas sexuais que representa perigo para os caçadores.

Vários pares de oposição que caracterizam a cosmologia Desana podem ser reconhecidos no que chamamos de “ Tradição Astronômica” ( mágica-religiosa- cosmológica) de Central .

CÉU – TERRA

ALTO- BAIXO

NATURAL- SOBRENATURAL, etc. ...

Vejamos agora se as características das pinturas rupestres de Central de alguma maneira se encaixam no mundo cosmológico Desana.

No conjunto pictórico registrado no *canyon* do Riacho Largo, localizado a 18 Km do município de Central, há um grupo de homens ou entidades enfrentando um animal de grande porte. O animal representado foi identificado como um *Toxodon platensis* (Owen, 1940), animal pleistocênico herbívoro que teria se extinguido há uns 11 mil anos (talvez pouco menos). Geométricos, hoje quase

invisíveis, recobrem o toxodonte e saem, parcialmente, do animal (sentido mágico). O toxodonte está representado com *pernas e pés de cervídeo* e os homens, empunhando armas, que o enfrentam, com *dedos de ema* e com o falo chegando aos pés (transmutação = Vixó-Maxsé ou Pajé = alucinógeno; falo grande = componente erótico da caça? UÁXTI? Segundo Reichel-Dolmatoff (in Alves, 1977) entre os Desana (Tukano) “a caça tem um marcado componente erótico”. No alto, à esquerda, há a representação de um felídeo de onde saem linhas paralelas onduladas que representariam o pensamento do PAI-SOL. As figuras colocadas em diferentes planos dos bancos de quartzito, poderiam corresponder aos planos da cosmologia Desana.

Na Toca da Lagoa da Velha, localizada na localizada de mesmo nome, em Morro do Chapéu, existem homens (ou entidades com enfeites de ema (?) na cabeça, galhada (?) de cervídeo na mão e, aparentemente uma entidade com chicote na mão conduzindo um bando de emas (Wai-Maxsé). Registramos ainda uma figura masculina (caçador) segurando uma lança, muitas representações de cervídeo e ema, e uma cena de acasalamento de cervídeo. Há, ainda, um homem transmutado em ema (Pajé ou Vixó-Maxsé) e ausência de figuras femininas.

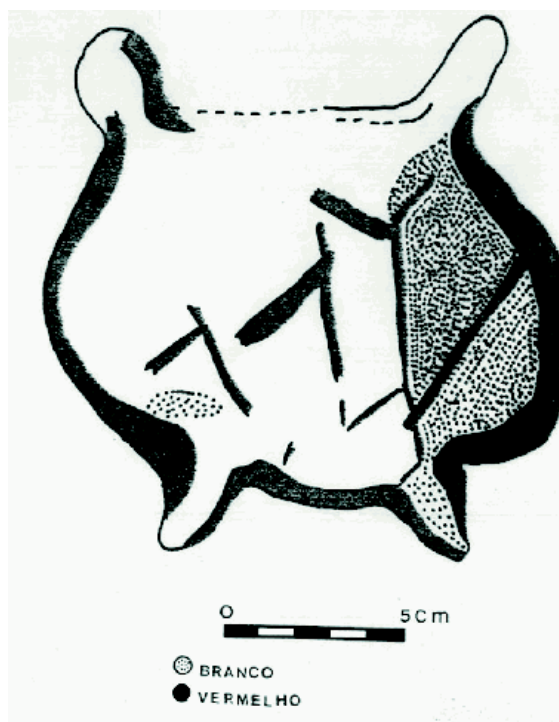


Fig. 2 – Vaso onde seriam colocadas substâncias alucinógenas.

O conjunto parece não só representar celebrações rituais ligadas à caça, mas ter conotação mítica. Na parede externa, à esquerda da entrada da Toca está representado um vaso onde seriam colocadas substâncias alucinógenas (fig. 2). Na Toca propriamente dita há, no teto, a representação de um sol nascente, da trajetória aparente e de um SOL com 1m de diâmetro (PAI-SOL). No chão da Toca, em um bloco rochoso, existe a representação de um peixe além de outras representações. Entre o “alto” – teto (sol) e o “baixo”- solo (peixe) há no fundo do chão da Toca, que é mais elevado, um bloco rochoso com representação de um cometa. Seria o cometa um intermediário como a Via Láctea? Existem várias outras figuras antropomorfizadas que poderiam perfeitamente corresponder aos

Intermediários Divinos dos Desana. Além disso, o SOL de um metro de diâmetro opõe-se (alto-baixo) ao peixe que seria a truta dos Desana.

Na Toca da Lagoa da Velha, a representação do PAI-SOL situa-se no alto.

Embaixo existia uma lagoa – condição indispensável para a presença do cervídeo – que permanecia cheia durante todo o ano.

O peixe representado (que teria coabitado com o primeiro Desana) deveria existir na Lagoa. Não seria certamente a truta, que só foi introduzida na América do Sul há menos de 50 anos, mas outro peixe parecido com ela.

No mundo cosmológico Desana as pessoas cujas almas irão para o paraíso vão para o fundo do rio = Axpidon-Diá. A Lagoa da Velha já foi “o paraíso”, se o Grupo Jê que aí deixou suas figurações era realmente o Tukano.

Hoje a Lagoa permanece seca seis meses do ano, enchendo no período chuvoso.

Há ainda na Toca da Lagoa da Velha vários geométricos pintados (visão alucinatória?) além de arabescos(?) usados em falas rituais.

## 6.2 Uma Epopéia Migratória?

Finalmente, em um fantástico esforço imaginativo através dos tempos, poderíamos supor que parte da narrativa mítica dos Tukano descrita por Reichel-Dolmatoff, em 1978, equivaleria a uma epopéia migratória, em eu estariam documentadas as “privações horríveis” do “primeiro homem” que subiu os grandes rios (deixando os planaltos?) em direção à linha do Equador, onde se estabeleceu e ordenou sua maneira de viver. As “privações horríveis” seriam de origem climática, e estariam ligadas a uma fase mais seca que a atual, iniciada há cerca de 8 mil anos. No Mito há monstruosas serpentes (sucuris?) e peixes (amazônicos?) infestando rios e lagoas.

Aliás, nas mãos do PAI-SOL (referência direta a práticas ligadas à horticultura) repousava o conhecimento do lugar exato onde o grupo devia se estabelecer. Segundo o Mito, este lugar deveria corresponder à região onde estava localizado o poder do Yajé (um alucinógeno) e onde os primeiros seres humanos “Climbed down to earth on the vertical staff” (“subiram para baixo” para a terra sobre o bastão vertical).

“Subir para baixo” significaria em direção ao Norte, descendo dos planaltos?

Em todo caso, a rocha gravada de Nyi que comemora a façanha do PAI-SOL conseguindo finalmente colocar o bastão em pé, da maneira certa, ergue-se quase exatamente na linha do Equador o que, segundo Reichel-Dolmatoff, explicaria o simbolismo do mito: é “sobre o Equador que os raios do sol caem verticalmente sobre a terra”, e onde o bastão fálico Tukano permaneceu na vertical.

## 7 CONCLUSÕES

Parece haver uma íntima correlação entre as representações rupestres da Chapada Diamantina e o mundo mágico-religioso-cosmológico do homem pré-histórico brasileiro.

Há uns 1.500 anos atrás os Tupi-Guarani, em sua expansão territorial pela América do Sul, teriam chegado à Chapada Diamantina e apagaram quase completamente um traço cultural importante de outros grupos indígenas: o hábito de pintar – em *canyons*, grutas e abrigos – com sentido mágico-religioso, enfim, cosmológico.

A Chapada Diamantina teria sido anteriormente ocupada, entre outros grupos, pelos Jê, entre 1.500 e 1800 – 22000 anos atrás. Os Jê, cuja organização social era mais complexa do que o Tupi dominador, representaram em pinturas rupestres mais geometrizadas, parte de seu mundo cosmológico.

O recuo do Grupo Lingüístico Jê, habitante dos planaltos, mais para o oeste, como é mostrado no

mapa de Nimuendaju (IBGE, 1987), foi possivelmente motivado pela chegada dos Tupi e, posteriormente, pela colonização européia.

Outro Grupo Lingüístico, provavelmente Tukano, teria habitado, concomitantemente e/ou em época anterior aos Jê, uma vasta porção territorial na América do Sul. Seriam habitantes dos antigos cerrados que ocupavam, inclusive, a Chapada Diamantina. Conviveriam com veados e emas, também ocupantes dos cerrados. Aliás, ainda hoje, o caçador Tukano usa a figura do veado estampada em seus objetos rituais e não o caça porque um espírito da selva – o Boraro (Reichel Dolmatoff in Alves, 1977) – pode se transformar nesse animal.

Tukano poderia ter sido o responsável pelas pinturas mais antigas, que incluem as representações de animais pleistocênicas, como a do Toxodonte. Além disso, integrantes do Grupo Tukano viveram, provavelmente, na parte alta da Chapada Diamantina (Morro do Chapéu) entre uns 8 – 10 mil anos. Em nossa opinião os Tukano jamais viveram em áreas dominadas pela caatinga que teria invadido o NE do modo geral há uns 18 mil anos atrás (Ab'Saber, 1977, 1977a) e, em particular, a planície calcária (parte mais baixa da Chapada Diamantina) há uns 22 mil anos. Sua presença entre 8 e 10 mil anos atrás, em Morro do Chapéu, deve-se a uma fase úmida que teria alcançado a parte alta da Chapada entre 8 – 10 mil anos atrás. É possível que essa fase úmida tivesse também alcançado a Planície Calcária.

O Mito da Criação teria surgido entre os Tukano há mais de 8 mil anos, quando já de posse de práticas ligadas à horticultura, passaram a divinizar o PAI-SOL.

As narrativas míticas, contudo, são provavelmente pleistocênicas (isto é, teriam mais de 11 mil anos, alcançando, provavelmente, 30 mil, porque registram na Planície Calcária, onde a caatinga se instalou há 22 mil anos, a presença do Toxodonte, do Urso-de-face-curta, da Paleolhama e de outros animais pleistocênicos incompatíveis com esse tipo de vegetação.

Finalmente, as pinturas rupestres da Chapada Diamantina podem ser encaradas:

como forma de expressão artística;  
como forma de comunicação ideográfica (através dos símbolos);  
como regras ecológicas (inferidas dos rituais ligados à caça: animais que não deveriam ser caçados);  
como representativas de prescrições e restrições sociais e religiosas;  
como conhecimentos astronômicos (complexos e insuspeitos);  
como práticas mágico-religiosas etc., isto é, como uma forma do homem ver o Universo e nele se inserir.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AB'SABER, A. N. Os domínios morfoclimáticos na América do Sul. Primeira aproximação. *Geomorfologia* (52): 1-21, 1977.
- . Espaços ocupados pela expansão dos climas secos na América do Sul por ocasião dos períodos glaciais quaternários. *Paleoclimas* (3): 1-15, 1977.
- ALVES, I. As entidades sobrenaturais na cosmologia Desana. Teoria, Debate e Informação. *Revista da Associação dos Sociólogos* (Belém), (3): 1-31, abr. 1977.
- BARRAU, J. Animal. Pp. 225-263, in: *Enciclopédia Einaudi*, v. 16. Homo-Domesticação, Cultura Material. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.
- BELTRÃO, M. C. de M. C. Arqueoastronomia no Brasil. *Carta Mensal* 36 (421): 49-59, 1990.
- . O homem pré-histórico há 300 mil anos no Brasil. *Revista Geográfica Universal* (206): 84-91, 1991.
- . Projeto Central: novos dados. *Revista de Arqueologia* 8 (1): 25-41, 1994.
- BELTRÃO, M. C. de M. C.; DANON, J. & DÓRIA, F. A. M. A. *Datação absoluta mais antiga para a presença humana na América*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1987.

- BELTRÃO, M. C. de M. C.; DÓRIA, F. A. & DORIA, M. R. B. A. Catástrofe e arquétipo. *Revista do Brasil* 1 (3): 90-97, 1985.
- BELTRÃO, M. C. de M. C. & LOCKS, M. Pinturas rupestres en la región arqueológica de Central, Estado de Bahía, Brasil. *Boletín do SIARB* (La Paz, Bolívia) (7): 23-37, 1993.
- BELTRÃO, M. C. de M. C. & LUCE, C. N. Eventos, Signos e Símbolos na Pré-História Brasileira. In: ALVES FILHO, I. (coord.) *História Pré-Colonial do Brasil*. Rio de Janeiro: Europa. [1993]. pp. 91-110.
- CAMPOS, M. D., BELTRÃO, M. C. M. C., LIMA, T. L., MOURÃO, R. R. DANON, J. Astros em pinturas rupestres do Rio São Francisco, Bahia, Brasil. In: *45º Congresso Internacional de Americanistas, 1985, Bogotá. Anais*. Bogotá: [s. n.], 1985.
- DÓRIA, F. A. & BELTRÃO, M. C. de M. C. Que é contar? Comunicação. *Revista de Arqueologia* 5 (1): 93-101, 1988.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE. Rio de Janeiro: Delta, 1972.
- IBGE. *Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju*. Rio de Janeiro: IBGE, 1987.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Le cru et le cuit*. Paris: Librairie Plon, 1964. (Mytologiques)
- LUMLEY, H. ; LUMLEY, M. A. ; BELTRÃO, M. C. de M. C. ; YOKOYAMA, Y. ; LABEYRIE, J. ; DANON, J. ; DELIBRIAS, G. ; FALGUÈRES, C. & BISCHOFF, J. L. Découvertes d'outils taillés associés a une faune quaternaire datée du pleistocène moyen dans la Toca da Esperança, État de Bahia, Brésil. *Comptes Rendus de l'Académie des Sciences de Paris* [série II] 306: 241-247, 1988.
- MÉTRAUX, A. Armas. In: RIBEIRO, D. et alii (ed.). *Suma etnológica brasileira*. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Petrópolis: Vozes/FINEP, 1986, pp.139-161.
- REICHEL-DOLMATOFF, G. *Amazonian cosmos: the sexual and religious symbolism of the Tukano indians*. Chicago, The University of Chicago Press, 1971.
- . *Beyond the milk way. Hallucinatory imagery of the Tukano indians*. Los Angeles : UCLA Latin American Center Publications, 1978.

Trabalho recebido em outubro de 1998.

---

Maria da Conceição de Moraes Coutinho Beltrão é professora do Departamento de Antropologia, Setor de Arqueologia, Museu Nacional, Quinta da Boa Vista s/n, São Cristóvão, CEP 20940-040 Rio de Janeiro, RJ.

**Revista da SBHC, n. 19, pp. 63-76, 1998**